



CONSELHO ESTRATÉGICO DE INFORMAÇÕES DA CIDADE

Ata da reunião de 27 de maio de 2020

Nesta data, reuniu-se por convocação da presidência do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), o Conselho Estratégico de Informações da Cidade (CEIC), órgão colegiado da estrutura do IPP, de acordo com a Lei 2.689, de 01 de dezembro de 1998, com a seguinte pauta:

Ações do Centro de Operações Rio durante a pandemia do COVID-19 -- Visão Geral

A coordenadora técnica de Projetos Especiais do IPP, Andrea Pulici, deu início à reunião e, em seguida, a palavra foi dada a Alexandre Cardeman, Chefe Executivo de Operações e Resiliência do Centro de Operações Rio (COR):

Cardeman: Boa tarde a todos. É uma prazer estar aqui com vocês. Para mim é um prazer falar para o IPP, eu comecei no IPP há 39 anos atrás e tive a sorte de ter o Nando Cavallieri como chefe, que me ajudou a iniciar na vida pública. Lá atrás, o IPP e o Iplan funcionavam juntos e tinham uma visão de SIG, sistema de informações gerenciais, onde as informações chegariam para o Instituto e, a partir dali, a gente poderia trabalhar a informação para dar suporte na tomada de decisão dos gestores, secretários e executivos.

- O destino me permitiu que eu fosse para o Centro de Operações. No início, a gente imaginou uma operação integrada, um centro onde a gente iria operar integrado a todos os órgãos, e no final ele se mostrou um grande sistema de informação gerencial, onde a gente hoje reúne dados, internet das coisas, inovação e operação tudo no mesmo lugar.

- Eu vou fazer uma apresentação sobre o que a prefeitura está fazendo em termos de ação no enfrentamento da pandemia. Lá atrás, a gente pensou sobre o plano de recuperação e sobre o que a gente precisava fazer para combater essa pandemia. Tivemos uma reunião no dia 4 de março com a Saúde, inicialmente para saber o que era o coronavírus e a preocupação na época não era o coronavírus, era o sarampo. A partir do surgimento de vários casos e do decreto da OMS da pandemia, a gente começa a pensar em um plano de recuperação, mas dando início a um plano de ação.

- Os pilares para isso acontecer foram: uma governança única, a ideia era criar um gabinete de crise, um gabinete científico com uma governança ajustada, coordenada pela Casa Civil; e depois, a prevenção. Começamos a falar sobre isolamento social, testes e diversas formas de poder prevenir. A outra opção eram testes e quarentena, nós conversamos muito com a Saúde. Naquela época, a Saúde entendeu que os testes não faziam tanto efeito naquele momento, eles estavam muito mais preocupados em abrir leitos e mais hospitais para receber as pessoas. A outra fase é tratamento, é começar a tratar e fazer a curva de leitos ser equilibrada com toda essa parte de isolamento social. Eu entendo que isso começou a equilibrar agora, após o hospital de campanha ter recebido um grande número de medicamentos e de leitos. A gente chegou a ter 950 leitos em espera na cidade, hoje a gente está em torno de 180, 200 leitos em espera e parece que está caindo. Então, vai começar a ter esse equilíbrio de leito X contágio. O prefeito vem fazendo o isolamento em escala, de modo que não seja um lockdown geral, mas alinhado com o gabinete científico. Agora é fase de tratamento, que tem o objetivo de recuperar as pessoas mais rápido para que elas possam sair e liberar mais leitos. Teve também toda uma preocupação social, porque ao mesmo tempo que você faz o isolamento social, as pessoas também precisam trabalhar. O tempo passa e as pessoas começam a apresentar carências em

diversas áreas. Então, nós realizamos distribuição de cestas básicas; encaminhamos os idosos para hotéis; ou seja, atuamos no apoio social para equilibrar o lockdown e a necessidade das pessoas. A comunicação forte também tem sido fundamental porque a gente precisa manter a população informada. Por isso, o prefeito aparece a todo momento, informando as pessoas através dos comunicados, das lives. E depois, a recuperação social e econômica, que é o que a gente já está trabalhando nesse momento. É um plano de recuperação em seis etapas, trabalhando com a visão de Transportes, com a visão da Educação.

- No dia 13 de março nós entramos em estágio de atenção e no dia 16 de março entramos em estágio de alerta, vivendo um momento de grande preocupação e impacto na vida das pessoas. A gente começa a trabalhar com o monitoramento, integrando os órgãos, e começa a fazer parcerias com universidade e empresas. Montamos o gabinete de crise, inicialmente no Riocentro por ser próximo ao hospital de campanha e para evitar o contágio da equipe de operação. E dentro das ações iniciais para a situação de emergência também está a divulgação nas nossas redes sociais e o contato com a imprensa.

- A gente tem mais de mil câmeras na cidade e isso ajuda a gente a entender o comportamento da cidade. A gente já tinha um trabalho com a CyberLabs, que é uma empresa de inteligência artificial. Ela já estava atuando com o COR no trabalho de gestão de massa. Aproveitamos que eles já estavam lá para adaptar a ferramenta deles para o monitoramento de aglomeração. Claro que não é um dado exato, porque são algumas câmeras em cada bairro. Mas a gente começa a fazer por amostragem, é como se fosse uma pesquisa de opinião: você observa o comportamento diário das pessoas e compara esses dados por semana para saber sobre o comportamento daquela região.

- Depois a gente conseguiu criar um painel de mobilidade. Era importante não somente ver as pessoas na rua, mas ver como o transporte ficou reduzido em cada modal da cidade. E a gente tem um problema porque nem todas as informações são automatizadas, muita coisa a gente faz à mão. Mas diariamente, a gente faz um trabalho de integração com os modais para que a gente consiga obter essas informações. Daí se tem uma visão de quanto cada modal reduziu desde o início da pandemia e faz a comparação com a semana anterior à pandemia, de 9 a 15 de março. Isso nos deu uma noção de que 30% da população está utilizando o transporte público. A gente observou nessa semana um aumento do número de pessoas usando o carro.

- Junto com o IPP e com a Saúde a gente elaborou o painel Rio Covid-19, que passou a ser utilizado por todas as pessoas. É um painel fantástico, super elogiado e que a gente vem tentando melhorar cada vez mais.

- Nós temos várias ferramentas de monitoramento. Uma delas são os dados de telefonia, nós fizemos uma parceria com a TIM. Então, a gente pega dados de sinal do celular para a antena. Já me questionaram várias vezes se isso esbarra na privacidade do usuário, mas não há chances de isso acontecer. A informação que chega para nós é a transação entre a posição da pessoa e a antena que está próxima dela. A gente fica monitorando isso e começa a observar as manchas de calor na cidade. Então, são ferramentas fundamentais para trabalharmos essa questão do isolamento social, mas são ferramentas que serão utilizadas depois como legado para a cidade.

- Nós criamos também uma ferramenta que possibilita que o cidadão faça uma reclamação sobre o distanciamento social, o Disk Aglomeração, 1746. A partir disso, a gente criou um painel de inteligência, onde a gente monitora junto com a Seop e com a Vigilância Sanitária diversas ruas para saber quais os bairros estão com mais demandas e com isso a gente orienta as políticas públicas, as tomadas de decisão do prefeito. A Seop tem seis equipes com a Vigilância Sanitária que saem três vezes ao dia.

- Criamos também uma análise comportamental com a Google. Então, a gente vai observando se tem mais ou menos gente através dos celulares da Google. A gente reúne essas informações com a da CyberLabs e a da TIM para ter uma certeza maior e ter uma análise mais precisa. Todas essas ferramentas foram dando direcionamento ao prefeito na realização das ações.

- Nós estamos trabalhando muito em parceria com UFRJ, com a UERJ, o IPP tem sido fundamental para nós nesse sentido. A gente entende que as universidades são essenciais nesse momento. Muitos professores, inclusive, foram levados pela gente para participar do gabinete científico. É um trabalho que aproximou muito as universidades do governo, que às vezes tinha alguma distância.

-Sobre os próximos passos, contratamos um drone com áudio informativo. Hoje monitoramos várias áreas da cidade e ele fala, aproveitamos a imagem fornecida pelo aparelho e o usamos para informar à população para usarem máscaras e fiquem em casa. Fizemos isso em Campo Grande, Bangu, Copacabana etc. Além disso, estamos hoje conversando muito com a Vigilância Sanitária e a Secretaria Municipal de Saúde, fizemos uma análise de risco, hazard Identification analysis, internacional e uma análise de risco para diversos problemas de epidemia. A Casa Civil junto com o COR, começamos a levantar as atividades, os perigos e ameaças dentro de cada instalação e local na governança da pandemia. Quais eram as causas, consequências, riscos e recomendações para o determinado órgão. Temos conversado e alertado as áreas para alguns riscos. Isso vai virar uma análise de identificação de risco como um todo, para diversos eventos e ameaças que possamos ter.

- Temos trabalhado no plano de retomada, que já tem um documento com mais de 150 páginas. Tem o IPLAN, IPP, o COR, Assistência Social, Casa Civil. Esse plano tem 6 etapas, não será aberto tudo imediatamente. Vamos abrindo as etapas e isso é monitorado e acompanhado dia a dia junto com a Saúde para vermos se o que abrimos está refletindo alguma coisa ou alguma ação não esperada. Um problema é que abrimos algumas coisas e o reflexo só vem 15 dias depois.

- Ontem mostramos para o prefeito, ele gostou, e hoje estamos mostrando para o Gabinete Científico. Com auxílio do IPP, Casa Civil, o próprio COR, todos juntos estamos construindo o plano de retomada. Nesse plano, estamos criando subcomitês e há um comitê permanente para discutir economia, o lado social e os transportes, para termos uma visão material. Se um comércio é aberto, por exemplo, temos que ver o que isso interfere nos transportes, socialmente, quanto irá melhorar a economia e qual será o retorno sobre volta de empregos ou para diminuir a crise de abastecimento. Estamos montando subcomitês para ouvir a sociedade, então estamos abrindo grupos de: turismo; indústria; serviços; eventos; etc. Várias pessoas que são líderes nesses segmentos mandaram planos para nós, que estão sendo incorporados no plano de retomada e levados aos subcomitês para ouvir a sociedade. Até para que seja estabelecida uma regra e não seja aberto tudo de uma vez. Fizemos reuniões com relações internacionais, aproveitamos o benchmark de iniciativas realizadas com sucesso no Brasil e no mundo. O drive-thru, monitoramento do transporte público foi pego de outras iniciativas, o plano de retomada foi feito a partir da análise de diversos outros planos.

- Fazemos o monitoramento com câmeras da Prefeitura e vão sendo contabilizadas quantas pessoas estão na imagem e é feito uma análise usando o histórico de semanas anteriores para saber se está aumentando ou diminuindo o número de pessoas.

- Temos trabalhado diversos órgãos para ajudar a cidade, o IPP é um parceiro enorme. Eu e o Felipe Mandarino nos falamos sempre, temos alguns projetos, o Carlos Krykhtine também. O IPP tem uma base excelente com informações sobre a cidade que nos ajuda muito a fazer análises comportamentais e estatísticas, que nos permitem tomar algumas decisões.

Jaílson: Gostaria de parabenizar a equipe do COR e de toda a Prefeitura pelo trabalho. Gostaria de entender o processo de saída. Estamos há dois meses em quarentena, há uma pressão social cada vez maior para a saída. O prefeito tem dado declarações que já passamos do pico, registrando queda nos casos, nas internações. Há a perspectiva de volta as escolas. São Paulo começou hoje a abrir algumas coisas, no Rio também. Como está sendo pensado esse processo: Que tipo de caminhos em termos de instrução para setores da sociedade está se propondo isso? A sociedade civil, especialmente nas favelas, está desenvolvendo muitos trabalhos de cooperação e de apoio a famílias e grupos sociais mais vulneráveis. A Redes da Maré e Observatório de Favelas têm atuado em vários níveis. Quereria saber como a Prefeitura está se

relacionando com esses grupos sociais, se há a perspectiva de um trabalho em comum, para que através desses grupos possam ser atingidas famílias em maior situação de vulnerabilidade. Há esse tipo de cooperação ou a Prefeitura está fazendo um trabalho mais solo ou com outros tipos de instituições.

Cardeman: Toda essa parte de ligação com ONGs, com o aspecto social das comunidades, tem sido trabalhado pela Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos. Eu sou a favor de ver tudo como oportunidades. Por exemplo, lá no COR comprei as máscaras de um sindicato de costureiras na Providência. Ficaram super felizes e agradecidas. Eu acho que a Prefeitura precisava ter um local para absorver várias dessas iniciativas em um único lugar. O que depender do COR, no que possamos usar essas iniciativas e fazer uma integração, estamos sempre à disposição. É só entrar em contato.

- Toda a abertura tem sido discutida no Gabinete Científico. Além dele, temos também um Gabinete de Crise. Por exemplo, o Gabinete Científico diz o tempo todo para não abrir e o Gabinete de Crise é mais inclinado para que haja a abertura. São duas visões, uma técnica e científica e outra comercial. O prefeito tem conversado muito com o Gabinete Científico porque é uma decisão muito técnica, não adianta abrir e estourar o número de casos ou abrir de forma inadequada. O Gabinete Científico tem universitários, professores e especialistas na área de epidemiologia. Mas há uma pressão muito grande de vários empresários dizendo que se não começar a ser pensada uma abertura, eles têm a tendência a sair da cidade. O Gabinete Científico tem dado a voz para o prefeito tomar várias decisões, mas entendo que uma hora haverá um estresse. Vejo que ele estava esperando o hospital de campanha abrir e ter leitos suficientes, antes havia uma fila de 900 pessoas aguardando leitos e agora estamos com cerca de uma centena, apenas, que vão ser superados com a abertura de mais leitos no hospital e campanha do Ronaldo Gazolla. A doença não é muito conhecida, às vezes o teste dá negativo e ele está positivo, é uma coisa muito nova até para a Secretaria Municipal de Saúde. Ele estão muito mais na defensiva porque não têm noção do que estamos lidando. Mas aos poucos vai sendo observado como a doença reage, vão sendo criados mais dados e aí vão entender melhor. Muito segmentos estão querendo abrir, como o futebol. E quando se houve outros países começando a abrir... treinos e jogos começando em lugares da Europa, e aí começa a ter uma pressão, que é normal. Cada vez que mais países e cidades vão abrindo a pressão vai aumentando aqui no Rio de Janeiro. Mas quem está decidindo é o Gabinete Científico.

Andrea Pulici: Eu vou aproveitar a pergunta do Jaílson para contar o que temos feito no Programa Territórios Sociais no que diz respeito à assistência para famílias mais vulneráveis. Hoje, atuamos em 10 grandes complexos de favelas, e nesse momento de pandemia as equipes não estão andando pelos territórios, começamos um monitoramento por telefone em relação às famílias mais vulneráveis. E começamos a receber muita demanda de doações, cestas básicas, kits de higiene, e começamos a procurar entre os parceiros, como Obra Social Dona Meca, UNICEF, Instituto Unibanco. Por exemplo, na Maré, além de todas as clínicas de saúde, temos parceria com a Redes da Maré. Começamos a levar um pouco do que conseguimos para essas famílias. Já distribuimos cerca de 4.000 cestas básicas, 250.000 sabonetes, 5.000 kits higiene para pessoas idosas. Estamos fazendo uma parceria com o Instituto Unibanco para que essas doações que estão sendo encaminhadas para diversas comunidades atendam às famílias mais vulneráveis.

- Temos tentando fazer alguma coisa entre as secretarias que compõem o Comitê gestor do Programa e as ONGs locais. Temos vários parceiros locais que nos ajudam nessas entregas e no controle para que algumas famílias não recebam duas cestas e outra fique sem nenhuma. E para que algumas áreas que ainda não conseguimos mapear, não deixemos famílias desassistidas.

Fernando: Queria parabenizar o IPP, o Alexandre e todo o grupo de acompanhamento da crise. Eu estou lendo bastante sobre a experiência internacional e há o caso de Portugal. Minha questão principal são as escolas, que em muitos casos no exterior estão abrindo em tempo parcial, revezando os alunos etc. Como a prefeitura do Rio está pensando nisso? Porque isso reorganiza o cotidiano das famílias e é muito complicado. Como estão os critérios para

eventualmente ter que fechar novamente? Isso será um desgaste com o setor empresarial, caso precise fechar novamente alguma região. Como serão controlados os critérios para reabrir os comércios? Quantas pessoas podem ficar ao mesmo tempo dentro do estabelecimento etc.

Cardeman: Mostramos para a secretária de educação, Talma Romero Suane, o plano de retomada. E ela já deu algumas ideias, de fazer revezamento de alunos entre pares e ímpares, por CPF ou matrícula. Há algumas ideias para distanciamento, ter determinadas aulas na semana, mas não tem nada decidido, ainda. Ontem ela teve contato com plano e estamos começando a conversar. A própria secretária está dentro do comitê permanente e está trabalhando isso. Se abriremos determinados segmentos, algumas escolas terão que ser abertas porque as pessoas não têm com quem deixar as crianças.

- Temos um economista que quis nos ajudar e que está fazendo algumas análises. Estamos vendo análises econômicas, de transporte e de empregabilidade. Temos algumas tabelas de economia, com dados do IBGE, PNAD, e de outras fontes. A preocupação é enorme, temos medo de errar. Abrir algumas coisas e depois fechar novamente será um problema para nós, tem que ter cuidado. Estamos trabalhando com a saúde e outras áreas da Prefeitura para que possamos ir monitorando. Não é certo de que vamos abrir e não vamos fechar de novo. Mas temos um plano de contingência. É uma discussão bem tensa porque talvez seja até melhor para a economia segurar um pouco agora e depois voltar. Mas o comércio e todos os segmentos têm que entender isso. A pressão é grande para abrir logo, mas talvez isso não seja melhor. Por isso eu os subcomitês têm essas conversas com eles. Queremos montar os subcomitês para que não seja uma decisão única do governo e sim conjunta e que todo mundo seja responsável.

Besserman: Minha pergunta é uma extensão da pergunta do Fernando. Espanha tomou medidas um pouco tarde e houve toda aquela tragédia e a Suécia fez uma opção deliberada por convocar os indivíduos a serem responsáveis, mas sem orientações de restrição social. O resultado foi um pouco espantoso. A Espanha, depois da curva estar descendo, avaliou 1,7% de população com anticorpos. A curva desceu, mas o cenário está pronto para começar novamente como ocorreu antes, há 98% dos indivíduos com disposição a ter a infecção. Nesse processo, uma das coisas que seriam mais úteis, é aproveitar a circunstância em que estamos e fazer uma espécie de laboratório de acompanhamento para ver a estratégia adotada em cada país. Apesar de muito variáveis, a base vai ser relativamente comum. Foi noticiado uma comparação do número de óbitos no Rio de Janeiro em relação ao mesmo período do ano passado e concluiu-se que foi maior o número de óbitos. É quase certo que esse número maior, grande parte dele, são mortes por Covid ou falta de assistência hospitalar. Então, é importante saber como o comitê científico tem levado em conta o dado real e o dado de testados com Covid, incluindo os óbitos.

Cardeman: Não estou no gabinete científico, mas uma coisa que tenho presenciado nessa pandemia é que temos uma oportunidade de conhecer dados da saúde que eram muito distantes. Precisamos melhorar os dados da saúde e integrar com outros dados da prefeitura. Como a saúde precisa de uma informação mais analítica e tática, atualmente, tem-se uma maior procura de informações com a gente. Portanto, há uma aproximação da saúde com o IPP e o COR.

- Temos uma situação onde não se sabe o que é certo ou errado. O número de casos em Niterói foi dez vezes menos que aqui e por isso foram adotadas diversas políticas diferentes por lá. Então são análises que temos que fazer por muito tempo para saber o que deu certo e o que não deu. Tem muita coisa que é fake. Isso não é uma regra do mundo inteiro, não existe uma fórmula certa. Há muitas discussões e muitas incertezas.

Roberto Medronho: Estamos aprendendo com o evento e temos algumas preocupações importantes. A primeira delas refere-se aos modelos e existe uma observação muito interessante que diz que todos os modelos estão errados, apenas alguns são úteis. É exatamente isso, quanto mais distante for essa predição, maior a probabilidade de erros. O que nós temos avaliado, a partir de análises de todos os municípios, é que a curva da cidade do Rio de Janeiro ainda não atingiu o pico. Embora eu tenha visto a redução de atendimentos nas UPAs, apesar de ser um indicador interessante, não é absoluto. Espero que os modelos estejam errados, mas a ida a UPA depende de uma série de fatores. Não procurar atendimento médico não significa que houve uma diminuição dos casos.

- O comitê científico não recomendou as atividades de reabertura, principalmente igrejas e templos. Nós hoje temos uma situação totalmente diferente dos países europeus e Estados Unidos. Nesses lugares, a epidemia realmente reduziu. Estamos em momentos totalmente diferentes e o medo é que a abertura possa voltar a subir o número de casos. Quanto maior o isolamento, maior a probabilidade de haver uma segunda onda e maior o número de pessoas suscetíveis a adoecer. Por isso estou bastante preocupado com os movimentos do Rio de Janeiro e Niterói. Queria saber como está sendo avaliado a possibilidade de um retorno caso haja uma elevação no número de casos.

Cardeman: Sei que a abertura de igrejas e templos vai ser conversado no próximo gabinete científico, e, possivelmente, ser um ponto de discussão. Criamos um plano de retomada, mas em momento nenhum a gente aponta uma data para se abrir. Precisamos respeitar o gabinete científico. Quem vai absorver toda uma segunda onda, são os próprios médicos e a saúde. É uma temeridade forçar qualquer coisa. Pessoalmente, acho que temos que se preocupar pois em uma segunda onda pode ser que a população esteja mais relaxada e ela pode vir muito mais forte. Acho que é um trabalho que precisa se fazer, portanto, sugeri que pegássemos alguns pontos de observação onde foram feitas algumas ações para analisarmos o que repercutiu 15 dias depois. Então, são discussões que ninguém tem a certeza, mas que são conjecturas que a gente vai trabalhando e a gente sempre vem tentando fazer algumas coisas para pensar diferente. Porque, nesse caso, você tem que pensar fora da caixa, não adianta você pensar o que que é porque o que é a razão não é. É isso, não se se te respondi tudo.

Roberto Medronho: Eu posso fazer só duas coisas rápidas? A primeira delas é que saiu o convênio da prefeitura com a UFRJ, então a gente já pode retomar, não sei se você lembra, na pré epidemia, acho que foi a Marcia que trabalha com você, Marcia Rolim. Nós estávamos conversando exatamente antes da pandemia, bem antes, de tentarmos utilizar toda essa expertise e infraestrutura que o COR tem para poder analisar essa grande massa de dados e as repercussões que isso tem na área da saúde. Então, a Covid acabou aproximando mais ainda a gente. É só para dizer que isso vai ser muito rico, que a gente deve aprofundar essa parceria.

Cardeman: Essa parceria eu soube, para a gente é super legal, eu tinha pedido até para contatar a Cristina Lemos, que era da epidemiologia, ela ia ficar trabalhando só nisso, ia ser a pessoa que ia pensar os negócios, mas com essa pandemia eu não consegui trazê-la ainda. Mas a ideia era isso, de botar ela focada, trabalhando com vocês os dados e podendo criar uma coisa melhor.

Roberto Medronho: Perfeito. A Cristina é ótima, valeu.

Carlos Krykhtine: Agora temos a professora Maria Alice a fazer a sua pergunta.

Maria Alice: Alexandre, obrigada pela apresentação. Eu estou muito impressionada com a complexidade do trabalho e com a elaboração das informações. De fato, é um trabalho extraordinário. Você, sua equipe, a prefeitura de um modo geral estão de parabéns. Mas eu queria chamar atenção para alguma coisa que está me incomodando desde o começo. Que é a ideia de um comitê científico que não tem Ciências Sociais, não tem estudos sociais. No Rio de Janeiro, a discussão sobre favela é muito antiga e ela, hoje, conta com um arsenal imenso de dados, de recursos, sobretudo, de uma coisa que eu acho que esse tipo de conversa sobre ciência que estamos tendo aqui, que é uma ciência positivista, positiva, do século 19, ela não considera. Por exemplo, cooperação é uma tecnologia, auto organização é uma tecnologia, essas condições técnico-científicas são elaboradas no contexto daqueles que pensam sistematicamente favelas, assentamentos, comunidades. E, no Rio de Janeiro, tem grupos na Maré, na Rocinha, você tem uma atividade universitária, científica premiada fora do Brasil. E não foi contemplada, eu acho isso estranho. Sabe por que? Na verdade, o olhar do gestor fica muito prejudicado quando ele tem apenas uma disputa entre epidemiologistas e empresários. Eu acho que tem um prejuízo básico aí. O IPP faz pesquisa de favela há não sei quanto tempo. Eu não sei como estão organizadas essas coisas, eu sei que outro dia, conversando com um cientista, ele falou "A composição do comitê de ciência da prefeitura é essa, eu conheço alguns cientistas, importantíssimos, todos eles são excelentes, tem um trabalho excelente, mas eu acho que tem

outras coisas que poderiam ser incrementadas”. Você quando respondeu o Jailson, você falou “Essa parte está toda com a Assistência Social” e essa é uma divisão que se faz normalmente. Questões de favela, questões sociais vão para a Assistência Social. A ONU está trabalhando com a ideia de Ciência da Cidade. E, a Ciência da Cidade tem algumas tecnologias sociais que são importantíssimas. Isso que a gente chama de tecnologia não contempla aquilo que é basicamente o conhecimento, hoje, sobre comunidades humanas. Cooperação, solidariedade, auto organização, auto gestão, esses são os aspectos que efetivamente na hora que você vai planejar uma entrada ou saída, por exemplo, de isolamento social. Eu não sei como vai ser esse planejamento se você não tiver cientistas da cidade, cientistas que trabalham em favelas, que estão há anos produzindo dados, informação, tecnologias sociais, se eles não estiverem representados nesse comitê científico. Eu não estou desmerecendo o comitê científico, ao contrário, eu tenho muito orgulho de ter uma cidade que, no gabinete de crise, tem um comitê científico. Eu só estou achando que o gestor poderia estar, talvez, mais bem assessorado se nesse comitê científico tivesse uma composição mais generosa e que levasse em consideração a acumulação de conhecimento que as favelas, hoje, têm sobre si. E a ideia de que elas são produtoras de um conjunto de tecnologias sem as quais nós não vamos sair dessa crise. Sem a auto organização, sem cooperação, sem detecção de onde estão as malhas, onde estão os problemas. Não sei quem foi que falou “Se a gente soubesse onde mora fulano, a gente ia lá, desinfetava a rua”. Esse é um conhecimento que está pronto. Evidentemente que não, talvez, entre epidemiologistas, entre economistas, entres os administradores. Mas do ponto de vista da cidade, tudo que ela acumulou sobre organização está pronto. Enfim, era só um desabafo porque eu acho que, isso não é uma defesa corporativa porque eu sou cientista social, eu nem sou a pessoa que faz esse tipo de estudo, acho que hoje em dia esse tipo de estudo ganhou um peso, uma desenvoltura, ele está sendo produzido por instâncias governamentais, por agências e não governamentais. E, sobretudo, pelas comunidades que hoje tem um conhecimento de si, elas são reflexivas. Então, acho que essa reflexividade do Rio de Janeiro tem que estar nessa roda. Me desculpe, eu estou falando, talvez, um pouco fora do tom. Evidentemente, a primeira coisa que eu quero te dizer é que o seu trabalho e o trabalho da sua equipe são maravilhosos, apenas como complemento, eu que essa percepção é um pouco retrógrada. Não é a sua percepção, é a percepção que monta um comitê científico e não leva em consideração o que se produz do ponto de vista de conhecimento, hoje, na cidade do Rio de Janeiro. É desse ponto de vista que eu falo porque eu acho que tem gente muito qualificada, com trânsito internacional, moradores ou não de favela, que hoje discutem exatamente como serão os passos desse conhecimento e que tipo de conhecimento eles querem produzir. São conhecimentos demográficos, valorativos, comportamentais, que tem a ver com agendas de tecnologia que são essas, cooperação, organização, solidarização. É isso, obrigada.

Cardeman: Primeiro, o gabinete científico foi realmente montado porque a gente tinha como o maior problema daquele momento, a saúde. É quem daria o tom nesse momento para a direção do que a gente tem que fazer devido a pandemia. Eu vejo muito que essa pandemia deu muita oportunidade e esse gabinete científico de saúde mostra que a gente tem que criar mais essas conversas de gabinetes científicos sociais, econômicos. Eu acho que é uma oportunidade, é uma visão que se tinha pouco quando a gente abre o gabinete de crise e não existia tanto isso. Acho que todas essas nossas conferências virtuais, esses home offices deram essa oportunidade de ouvir mais. Então, a gente tem feito muito mais live e tem conversado e debatido muito mais do que antigamente. Então, isso abre um leque para se pensar. A gente tem o gabinete científico e tem o gabinete de crise. No gabinete de crise, tem algumas pessoas que são representadas para trabalhar com as comunidades. Você tem a secretária de Assistência Social, que faz parte do gabinete de crise, tem o pessoal da SMDEI, que tem trabalho, emprego e desenvolvimento econômico. Você tem pessoas que poderiam trabalhar nisso, mas não era, naquele momento, voltado. Não era um comitê científico social, mas sim um comitê científico muito mais especializado porque o problema estava muito mais na saúde. Mas acho que é uma abertura para se conversar isso, sim, e poder se discutir, não só agora na pandemia, mas depois também, criando esses comitês que é aproximar universidades e empresas com o governo, acho que isso falta. A gente sempre fala isso quando a gente fala de inovação porque falta essa integração entre as universidades e o governo. Às vezes, a gente parece que não mora na mesma cidade.

No plano de retomada, a gente tinha o comitê e a gente criou três bases de comitê, uma era econômica, operacional e colocamos uma base social também, que é exatamente para ter esse viés de ver todos esses subcomitês, o que está falando no social. Não tão aperfeiçoado como comitê científico social, mas que tem um viés de olhar socialmente também e aí a secretária de Assistência Social ou outras pessoas participariam dessa base do comitê que seria social. Você teria um grupo que é econômico, operacional e social. E isso, dentro do plano de retomada, já tem.

Maria Alice: Posso fazer um complemento bem pequeno? Porque talvez eu esteja pensando um pouquinho diferente de você no que se refere ao lugar desse comitê social. Acho que o comitê social é o comitê de saúde porque da forma como nós, hoje, estamos lidando com essa doença. É doença do indivíduo, um indivíduo somado a outro indivíduo, somado a outro indivíduo e essa doença, me parece, não é assim que ela opera. Ela constitui manchas sociais, é uma doença social, uma doença de contágio, uma doença que não vai somando, ela exige um tipo de conhecimento que tem mais a ver com essa ideia de uma relação. É um conhecimento que precisa identificar as relações sociais que estão dadas, se não ela não vai conseguir trazer, digamos, o que é específico dessa doença para a nossa reflexão. Mas enfim, isso é uma outra discussão, eu agradeço a sua atenção.

Cardeman: É sempre um prazer poder conversar e a gente crescer ouvindo as pessoas que têm esses conhecimentos.

Andrea Pulici: Eu concordo, Maria Alice, você sabe disso. A importância de a gente reconhecer esse conhecimento que é gerado nas comunidades, a gente já fala disso há muitos anos. Mas eu acho que tem um ponto também que, de repente, o Cardeman como está lá em cima não consegue ter a visão do todo. É que nesse plano de retomada, entre outras coisas, estão sendo escutados também, e eu sei porque participei de alguns encontros, da galera que está na ponta. Então, quando a gente apresenta aquelas seis fases e tem ali uma questão de mapeamento de risco, dentro dessas comunidades a gente tem muita gente da prefeitura trabalhando, todos os dias, a gente não pode esquecer isso. As assistentes sociais, as enfermeiras, os agentes comunitários. São todos os dias. A gente tem pessoas que, inclusive, moram nessas comunidades, trabalham nesses espaços e que para a identificação de alguns vetores e de algumas decisões desse plano de retomada estão sendo escutadas. É que a gente é muito grande enquanto prefeitura, mas quando a gente tem o cuidado de também ter um pouco de escuta do profissional que está na ponta, a gente consegue, às vezes, tentar ser um pouco mais assertivo. E eu vejo, por conta do programa Territórios Sociais, que a integração entre as pastas que trabalham na ponta em diversos programas tem acontecido de forma mais sistemática do que a gente tinha anteriormente. Não só Território, Primeira Infância Carioca, agora a reconstrução de um índice de desenvolvimento familiar. O exemplo de todos esses estudos que tem sido feitos nesse momento de pandemia, foi fácil a gente conseguir montar todo esse pacote de informações porque é um trabalho contínuo em conjunto que vem sendo trabalhado entre os órgãos, não foi um apanhado de informação de uma hora para outra, são trabalhos de longo período, de integração de informação. Eu acredito que a gente esteja andando em um caminho de tomar decisões, não só com dados, mas também com um pouco de escuta do território de quem está lá na ponta, entendendo que a cidade tem diferenças internas bastante significativas e que a gente precisa olhar para esses lugares de formas diferentes. Alguém tem mais alguma colocação?

Fernando Cavallieri: Eu gostaria de fazer uma pergunta. Alexandre, eu tenho ficado impressionado com algumas estatísticas do Rio de Janeiro com relação, sobretudo, ao caso de mortes, mas também na incidência. Acabei de ver aqui uns dados do Brasil, se nós pegarmos o estado do Rio de Janeiro como um todo, no qual o município do Rio tem um peso muito grande, como nós sabemos, nós temos um padrão completamente diferente do Sudeste, do Sul, do Centro-Oeste nem se fala. E, como estado, a gente fica só mais ou menos próximo de Ceará, no Nordeste, Pará e Amapá. Pelas estatísticas do Ministério da Saúde, nós estaríamos em uma taxa de 25 por 100.000 mortos, enquanto a média do Brasil é de 11, São Paulo é 14, Espírito Santo, 12. Nem falo de Minas porque Minas é um milagre, um milagre de saúde ou um milagre

da estatística porque é a menor taxa do Brasil de mortos, pequena taxa de incidência também, muito complicado de se entender o caso de Minas. No caso do município do Rio também, como mudou a metodologia atualmente, fica difícil pegar os dados do município de mortos, mas em termos de casos, nós temos uma situação ainda bem maior que no estado. Fazendo as contas com os dados federais, se a taxa do Rio de Janeiro de mortos por 100.000 é 25, no município do Rio seria alguma coisa em torno de 44. E a incidência aqui também é maior. Temos casos estranhos como o Amapá que tem muitos casos de incidência, mas a taxa de mortos não é tão grande assim. Enfim, tem situações aí de coleta de dados, etc. Eu estou considerando que há uma subestimação razoavelmente igual do número de casos, não sei avaliar com o número de mortos. Mas o que eu ia te perguntar é o seguinte, será que tem algum estudo que pudesse correlacionar algo, por exemplo, a respeito da nossa capacidade de atendimento e esse número de mortes tão elevado? O padrão do Rio de Janeiro é um padrão próximo dos estados pobres do Brasil como Pará, Amazonas, Ceará. E bem distante de Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Tem alguma preocupação de tentar verificar esses pontos, sobre tudo do número de mortos, para o qual a gente imaginava, inclusive, que tinha menos dúvida porque o morto é sempre um fato muito mais fácil de ser comprovado do que o infectado. Não tem teste pro morto.

Cardeman: Nando, é um prazer enorme falar contigo. Eu acho que alguma coisa, o Felipe pode até responder, que está trabalhando mais com isso. Mas a confusão de dados no Brasil deve estar uma confusão geral. Porque, se no Rio a gente tem diversas fontes, tem subnotificação, tem gente que não vai, no resto do Brasil deve estar... Ou vários estão acima e não estão falando ou a gente está transparente a mais e está mostrando mais informação, tem mais dados. Porque a gente que está dentro da prefeitura, a gente tem dificuldade até de dados. Essa questão do óbito, a Saúde que estava fazendo esse trabalho de registro de óbito e estava botando dentro do painel. Teve um determinado momento que se falou que a funerária estava enterrando mais gente do que tinha gente na Saúde, do que estava entrando na estatística do painel da Saúde. Se parou para poder tentar pegar os dados de funerária. Eu acho que agora vai ter os dois, vai ter mudança e vai tentar equacionar. O que eu vejo do prefeito é que ele quer o tempo todo dar os dados reais e ele procura isso sempre para gente, que não tenha dado que seja diferente. Ele ficou muito preocupado de estar dando o dado de óbito errado, então ele tentou fazer isso de ver a funerária porque falaram que estava tendo mais dados de funerária do que de óbitos da Saúde. O Felipe pode complementar se quiser.

Felipe: A gente tem novidades hoje, coisas que devem entrar na atualização de hoje do painel. Carlinhos e Andrea estiveram comigo na reunião com a Saúde, com o próprio prefeito. A gente vai ter agora no painel duas fontes de dados para os óbitos. E certamente há muito menos subnotificação nos óbitos do que nos casos, tem várias estimativas sobre subnotificação de casos, algumas falam que a gente teria até dez vezes mais casos do que são notificados, isso é uma questão de só serem testados casos graves. E, quem tem grana para pagar o teste privado também. A taxa de letalidade parece, quantas pessoas morrem para cada pessoa infectada, essa taxa de letalidade parece pior em algumas áreas da cidade e melhor em outras, sendo que é melhor na Zona Sul, por exemplo. Mas isso é muito porque na Zona Sul, quer dizer, tem muitos motivos, a gente sabe das desigualdades da cidade, mas um desses motivos é que na Zona Sul, por exemplo, tem muita gente testando no privado, pagando o próprio teste. Então, a subnotificação de casos é menor e aí quando isso vai bater com óbito parece uma taxa de letalidade do vírus menos pior, podemos assim dizer. Mas isso tem a ver com outras desigualdades também, é claro. Com acesso, em relação a problemas históricos que geram comorbidades, dessa desigualdade que se reflete em tudo no Rio de Janeiro.

- O dado de óbito, especificamente, que a gente vai ter a partir de hoje no painel, que é um dado que, de fato, é menos subnotificado e isso vai ficar mais claro agora lá com essa atualização, é manter as duas fontes de dados, o dado da Vigilância em Saúde, que é o que já vinha sendo apresentado desde antes, ele vai voltar ao painel. A gente discutiu muito nesses últimos dias para tentar entender melhor o que cada dado traz, qual o viés de cada um, a qualidade, vantagem e desvantagem. A solução foi colocar os dois dados, ontem já entrou o dado de óbitos confirmados em cemitérios, mas causou um reboliço porque só entraram os confirmados e isso é quando no atestado de óbito o caso está confirmado e em muitos casos no atestado de óbito

só entra uma suspeita, que o resultado do exame só sai depois. Então, hoje tem dados de óbitos confirmados dos cemitérios nos atestados de óbito. Antes tinha dados de óbitos confirmados via Vigilância em Saúde. Agora, vai ter esses dois e também os casos de óbitos suspeitos nos atestados de óbitos e os casos de óbitos ainda em investigação pela Vigilância. O que acontece é que esses casos de óbitos suspeitos que estão lá no atestado de óbito, no cemitério, eles são o que a Vigilância investiga e depois vai confirmar se é Covid-19 ou não. A questão é que o dado da Vigilância, aí qual é a vantagem e a desvantagem de cada um, o dado da Vigilância tem muito atraso, essa investigação leva tempo, é complexa. Às vezes, demora um mês, demora em média uns 12 dias até onde eu entendi bem, mas às vezes demora até um mês para confirmar que uma morte foi de Covid-19. E, a gente não pode muito lidar com essa demora tão grande.

-Como eu estava dizendo outro dia, a gente está tentando projetar o futuro lá com o pessoal da UFRJ, inclusive Fiocruz e diversos, tentando projetar o futuro, mas a partir do passado, sem saber muito bem o que está acontecendo no presente. Então, o que o dado de óbito do cemitério traz? Uma informação melhor do presente porque ele é o dado, hoje, eu consigo saber quem foi enterrado ontem, eu não preciso esperar confirmação. Então, eu consigo ter uma noção melhor do acompanhamento dessa curva de óbitos recente. Enquanto que com o dado da Vigilância, eu tenho um dado mais qualificado, mas eu não consigo ter uma confiança no recente, eu só consigo confiar naquele dado número umas duas semanas atrás. O dado do cemitério vem ajudar a gente a conhecer melhor o presente. Então, no painel a gente tinha uma variável, passou a ter outra variável e nesse processo de ajuste, hoje, ainda devem entrar essas quatro variáveis: óbito confirmado e suspeito, tanto de cemitério quanto da Vigilância em Saúde. Eu já falei muito, mas para tentar me fazer claro, esse assunto, inclusive está bem polêmico, então queria tentar esclarecer para vocês.

Carlos: Tem uma coisa que eu queria ressaltar é que a gente mantém desde o mês passado, no canto do painel, a possibilidade de você fazer o download dos dados. E esse download dos dados, a gente manteve todos os dados íntegros, por mais que eles não apareçam lá no painel como foi na semana passada, já retornaram, eles estavam presentes para qualquer um que quisesse estudar esses dados. A grande encrenca é de comunicação. Porque como é muito complexo passar um entendimento de como olhar esses dados, hoje a gente conseguiu finalmente se organizar junto à Saúde sobre o aval do prefeito para iniciar um processo de comunicação melhor para o painel. Então, a gente espera até nos próximos dias estar entregando outros desenvolvimentos somando a compreensão daquelas informações para quem quer que acesse aqueles dados lá. Um pouco mais para frente a gente vai ter outras surpresas, mas sempre tentando somar e não retirar porque isso realmente cria muito barulho.

Andrea Pulici: Eu acho também importante ressaltar que esse painel nasce de uma urgência e a gente está aprendendo no decorrer do caminho. Às vezes a gente avança, às vezes a gente traz um pouco, às vezes pinta uma outra sugestão de organização de dados ou de fonte de dados e a equipe tem trabalhado arduamente. O Felipe tocando pelo IPP, o pessoal do COR, o pessoal da Vigilância, da Saúde, tentando melhorar a informação da melhor maneira possível também ainda entre os limites que a própria ferramenta tem. A gente fica tentando colocar todos os dados ali em uma tela, a gente hoje já viu a possibilidade de de repente criar uma outra aba para melhorar o dado, tratar melhor esse dado. Está todo mundo tentando fazer o melhor. A gente mesmo tinha esquecido ontem que o download dos dados estava lá. Então, quando começaram a receber perguntas de porquê o dado havia sumido, só hoje a gente se tocou que ele não sumiu, ele sempre esteve lá disponível, por exemplo, para download. É porque eles quiseram introduzir uma nova informação e aí naquelas caixinhas do painel uma sobrepôs sobre a outra. A gente está fazendo um esforço para tentar levar o melhor da informação que a gente conseguir.

A coordenadora técnica de Projetos Especiais do IPP, Andrea Pulici, e o coordenador técnico de Informações Especiais do IPP, Carlos Krykhtine, agradeceram aos presentes e encerraram a reunião do Conselho Estratégico.

A Assessoria de Comunicação tomou notas e elaborou esta Ata, que será assinada pelos conselheiros presentes. Eventuais correções serão encaminhadas pelos conselheiros e constarão da ata da próxima reunião do Conselho.

